

IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DAS MARCAS DE PROVENIÊNCIA NO ACERVO DE MANGUINHOS

Resumo: Considera-se marcas de proveniência bibliográficas de um acervo, é imprescindível conhecer primeiro a história da instituição, da biblioteca e do próprio acervo onde os exemplares e suas marcas estão inseridos, afinal são parte de um todo e existindo um propósito para cada movimento de entrada e permanência dos itens que o constituem. Procurou-se considerar algumas singularidades entre as marcas de propriedade e as marcas de proveniência, aplicando este olhar sobre o acervo da Biblioteca de Manguinhos. Em um primeiro momento apenas observar, depois passou-se a fotografar e conferir marcas “estranhas” para futura identificação e, em seguida, passou-se a registrar em planilhas de organização física as marcas localizadas nos exemplares de forma sistemática. Em seguida, começamos a nos aproximar de um vocabulário próprio destas marcas e nos apropriar de um conhecimento que pudesse se transmutar em informação. As marcas de proveniência adquirem, portanto, um sentido de evidenciar a formação e desenvolvimento da coleção resultante dos 120 anos de pesquisa institucional, alicerçadas na herança documental, científica e de potencial cultural do acervo de Manguinhos. Assim como vem sendo parte da produção científica da Fiocruz ao longo da sua existência, também integra seu patrimônio cultural e da sociedade em que está inserida.

Palavras-chave: Marcas de proveniência. Fundação Oswaldo Cruz. Acervos científicos.

Fátima Duarte de Almeida
Mestre em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde
Fiocruz
orcid 0000-0003-0996-8627
fatima.duarte@icict.fiocruz.br

Maria Claudia Santiago
Especialista em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde
Fiocruz
orcid 0000-0003-2655-7854
maria.santiago@icict.fiocruz.br

IDENTIFYING AND ANALYSING PROVENANCE MARKS IN MANGUINHOS'S COLLECTION

Abstract: When considering the provenance of a collection, it is essential to first know the history of the institution, the library, and the collection itself, where the specimens and their marks are inserted; indeed, these collections are part of a whole and there is certainly a purpose for each entry and permanence movement of the items that constitute it. We tried to consider some singularities between property marks and provenance marks, applying this view to the Manguinhos Library collection. At first, we just observed, then we photographed and checked "strange" marks for future identification, and then we began to systematically record the marks found on the items in a spreadsheet. In a next step, we began to approach a vocabulary of these marks and to appropriate knowledge that could be transmuted into information. The marks of provenance, therefore, have a sense of highlighting the formation and development of the collection resulting from 120 years of institutional research, based on the documentary, scientific, and cultural potential heritage of the Manguinhos collection. Just as it has been part of the scientific production of Fiocruz throughout its existence, it is also part of its cultural heritage and that of the society in which it operates.

Keywords: Provenance marks. Fundação Oswaldo Cruz. Scientific Collection.

“Falar da biblioteca de Manguinhos é evocar esta Instituição. A evolução de ambas se confunde, tão intimamente estão ligadas” (ARAÚJO FILHO, 1941, p. 463).

1 INTRODUÇÃO

Antes de começar a dissertar sobre o tema central deste trabalho, consideramos necessário explicitar como se deu o nosso contato inicial com as marcas de proveniência, e como este interesse surgiu e se tornou parte das nossas atividades de rotina, junto ao trabalho técnico e de gestão da Biblioteca de Manguinhos.

Ao iniciarmos nossas ações de organização física do acervo junto à coleção de obras raras e especiais da Biblioteca de Manguinhos, nos deparamos com muito mais do que exemplares aguardando tratamento ou volumes fora do lugar. Sabemos que, para realizar qualquer atividade de tratamento técnico em um acervo, é indispensável o contato com cada item que o constitui, e ao tomarmos cada exemplar pelas mãos, pudemos observar que várias marcas estavam presentes em sua composição, da encadernação ao miolo, da folha de guarda às assinaturas e dedicatórias. Sem falar naquelas marcas que nem mesmo conseguimos compreender o seu significado. Estava então estabelecida a nossa relação com as marcas de proveniência!

Em um primeiro momento apenas observamos, depois passamos a fotografar e conferir marcas “estranhas” para futura identificação e, em seguida, passamos a registrar em nossas planilhas de organização física as marcas que localizamos nos exemplares de forma sistemática. Em um próximo passo, começamos a nos aproximar de um vocabulário próprio destas marcas e nos apropriar de um conhecimento que pudesse se transmutar em informação.

Sendo assim, a nossa proposta para este artigo é trazer toda uma reflexão acerca das marcas de proveniência presentes no acervo da coleção de obras raras e especiais da Biblioteca de Manguinhos, constituída e instituída entre literatura técnico-acadêmica e a prática, não necessariamente obedecendo esta ordem, mas se formando a partir dela. Procuramos considerar algumas singularidades entre as marcas de propriedade e as marcas de proveniência, aplicando este olhar sobre o acervo da Biblioteca de Manguinhos.

Na estrutura desse texto tentamos seguir a mesma metodologia aplicada aos estudos das marcas de proveniência que utilizamos no acervo da Biblioteca de Manguinhos, que segue o seguinte fluxo: conhecer a história da instituição, da Biblioteca e do acervo; compreender o

que são as marcas de proveniência em seu contexto de produção e uso; identificar as marcas de proveniência pertencentes ao acervo da Biblioteca de Manguinhos e aquelas que passaram a compor esse acervo advindas de outras coleções pessoais e/ou institucionais; considerar o desenvolvimento do acervo de Manguinhos a partir das marcas de proveniência; analisar documentos associados como fontes que podem colaborar com as pesquisas em proveniência e apresentar o tratamento da informação aplicado às marcas de proveniência na catalogação dos itens do acervo.

Após toda a compreensão apresentada, seguimos em frente e continuamos a descobrir um universo de possibilidades, com constantes experimentações e entendimentos, que o campo de estudo das marcas de proveniência nos apresenta para assim continuarmos a aprender.

2 A BIBLIOTECA DE MANGUINHO: BREVE HISTÓRICO

Para falar das marcas de proveniência bibliográficas de um acervo, é imprescindível conhecer primeiro a história da instituição, da biblioteca e do próprio acervo onde os exemplares e suas marcas estão inseridos, afinal estes são parte de um todo e certamente existe um propósito para cada movimento de entrada e permanência dos itens que o constituem. Este é o passo inicial, porém indispensável, no emprego metodológico dos estudos sobre marcas de proveniência, assim como para gestão do acervo, análise e representação informacional possíveis neste campo. É um ponto de partida que não pode ser dispensado ou ignorado.

O acervo apresentado neste trabalho é a coleção de obras raras e especiais da Biblioteca de Manguinhos, que é parte do patrimônio científico e cultural da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que desde sua origem é um instituto de pesquisa voltado para questões relacionadas à saúde pública brasileira.

A formação do acervo da Biblioteca de Manguinhos se iniciou nos anos de 1900, juntamente com a criação do Instituto Soroterápico Federal, que ao longo da sua história teve também as denominações de Instituto de Patologia Experimental, em 1907, e no ano seguinte Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Em 1969 foi denominado Fundação Recursos Humanos para a Saúde e somente nos anos 70 torna-se Fundação Oswaldo Cruz, sendo esta designação mantida até os dias atuais (COSTA; ANDRADE, 2020, p. 544).

O Instituto Soroterápico Federal foi criado como uma repartição municipal e logo depois doado à União sob a sujeição da Diretoria de Saúde Pública (ARAGÃO, 1950, p. 4-5), com o objetivo inaugural de produzir vacinas e soros contra a peste bubônica que assolava a cidade do Rio de Janeiro no período. Ficou então sob a responsabilidade do Barão de Pedro Affonso a direção geral do Instituto, após experiências anteriores com a vacina janeriana e o soro antidiftérico e por ser um defensor, junto à opinião pública, “da necessidade e da eficiência da vacinação que na época era taxada de bruxaria ou, pelo menos, de perversidade inútil” (INSTITUTO..., 1948, p. 3).

Segundo Aragão (1950, p. 2), no intuito de formar o recém-criado Instituto, o Barão de Pedro Affonso dispôs da escolha de técnicos e dentre eles estava Oswaldo Cruz “um jovem médico que, desde estudante, se dedicara à Bacteriologia, especializando-se depois, no Instituto Pasteur de Paris durante três anos”. Estava então Oswaldo Cruz dedicado às atividades do Instituto desde a sua formação, e em 1902, com a saída do Barão do cargo de Diretor Geral, este passou a ser ocupado por Oswaldo Cruz.

A presença dos livros e revistas estava, desde o princípio, atrelada a produção nos laboratórios como podemos observar na descrição dos ambientes de trabalho do Instituto, ainda instalado em casas antigas reaproveitadas e já existentes na Fazenda de Manguinhos:

Existiam ali duas mesas próximas às janelas com um microscópio cada uma, além de outra, ao centro e alguns armários junto às paredes com hematímetros, hematócritos, câmaras claras, aparelhos de medidas microscópicas, densímetros, corantes, meios de cultura, *livros, revistas, etc.*” (ARAGÃO, 1950, p. 8, *grifo nosso*).

Para Sousa (2006), no momento de chegada de Oswaldo Cruz, ainda no início da estruturação do Instituto, este já encontra um núcleo inicial de livros e salienta que:

Portanto, a partir de um pequeno núcleo de livros existente no Instituto na época de sua chegada, que foi provavelmente trazido pelo Barão de Pedro Affonso da Europa junto com manuais e material para aparelhar as primitivas instalações do Instituto, seu sonho tornou-se real e cresceu, principalmente no período em que esteve na direção do Instituto, entre 1902 e 1916. (SOUSA, 2006, p. 53).

A instalação que deu início ao funcionamento da biblioteca foi um barracão levantado próximo à construção do futuro Pavilhão Mourisco que, segundo Aragão, foi erguido em

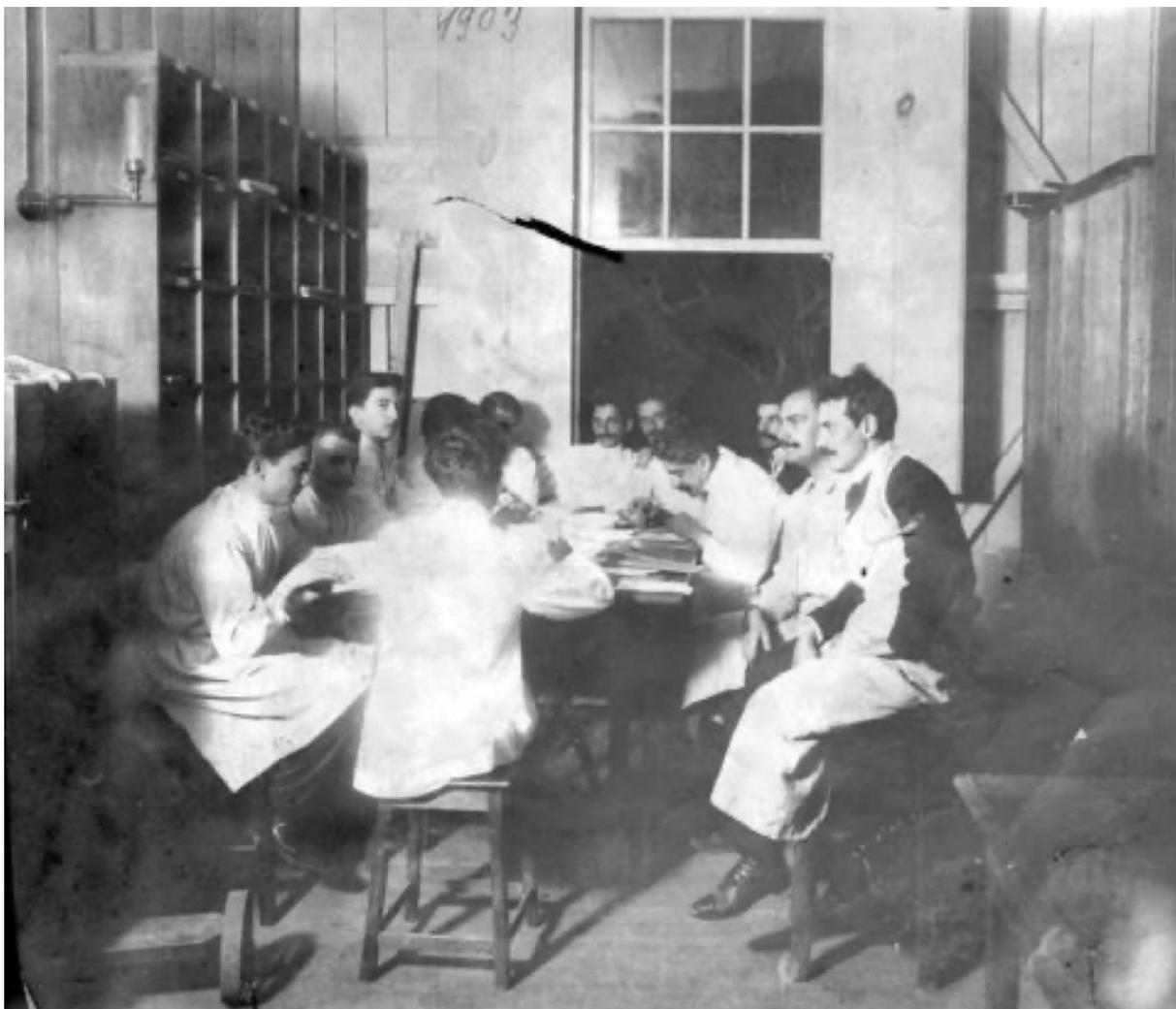
1903 pelo já crescimento exponencial em curso dos volumes, contendo espaços com divisões entre o acervo e as sessões científicas:

Em vista do crescimento rápido da Biblioteca tornou-se necessário levantar um amplo barracão, próximo ao Instituto, para abrigar os milhares de volumes de livros e revistas que iam chegando.

Esta construção estava dividida em dois compartimentos: o posterior abrangendo dois terços do espaço, servia de depósito aos livros e revistas que iam sendo colocadas ordenadamente nas suas numerosas prateleiras e, a parte da frente, utilizada como sala de leitura e reuniões semanais dos pesquisadores, afim de se analisar e discutirem-se os resumos dos artigos mais interessantes publicados nas revistas recém-chegadas. (ARAGÃO, 1950, p. 16).

Para Sousa (2006, p. 54) “A criação deste espaço em comum para a biblioteca e as reuniões científicas demonstra como Oswaldo Cruz via a natural integração destas duas atividades institucionais”.

Figura 1 - Fotografia datada de 1904, onde observamos uma sessão científica semanal conduzida por Oswaldo Cruz com outros pesquisadores, conhecida como Mesa das Quartas-Feiras.



Fonte: Acervo DAD/COC/Fiocruz

Sousa (2006, p. 57) nos esclarece que a transferência do barracão para o prédio do Castelo acontece assim que as obras estruturais são finalizadas e se inicia a fase de ornamentação arquitetônica do espaço, tendo a construção da sede do IOC sido iniciada em 1904, e em 1909 a Biblioteca começa a ocupação do seu espaço no prédio. Vale ressaltar que segundo o Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM) “O Pavilhão Mourisco teve uma inauguração parcial em 1909, mas somente em 1918 todos os trabalhos de ornamentação foram concluídos”. (PLANO..., 2014, p. 27).

O espaço físico da Biblioteca, ocupado desde 1909 até os dias atuais de forma ininterrupta, é de fundamental importância para a identidade não só de seu acervo, mas da própria Instituição. O Pavilhão Mourisco, ou simplesmente Castelo, foi construído em estilo

mourisco pelo arquiteto Luiz Moraes Júnior, que Oswaldo Cruz conheceu no trem a caminho de Manguinhos, porém a escolha pelo estilo arquitetônico veio do próprio Oswaldo, que também desenhou o primeiro croqui do edifício. Para Costa e Andrade, a inspiração para a construção do prédio está balizada nas seguintes referências:

Acreditamos que houve três grandes influências na construção do Castelo da Fiocruz: o Observatório de Montsouris, em Paris (França), construído para a Exposição Universal de 1867 e de autoria de Louis-Étienne Alfred Chapon; o Palácio dos Leões em Alhambra, em Granada (Espanha), listado pela Unesco; e a Nova Sinagoga de Berlim (Alemanha), construída entre 1859 e 1866, de autoria de Eduard Knoblauch. Acompanhar a evolução dos projetos realizados para o Castelo de Manguinhos revela a influência que tais edificações tiveram na configuração final do Pavilhão Mourisco. (COSTA; ANDRADE, 2020, p. 553).

Em especial para o acervo da Biblioteca de Manguinhos, a presença do estilo mourisco e da imagem do próprio prédio foram transpostos às marcas de proveniência imputadas a este acervo. Assim, podemos considerar uma simbiose do espaço físico com o acervo em que está inserido, estando o acervo dentro do prédio e o prédio dentro do acervo, especialmente em uma configuração representativa das suas marcas de propriedade.

Em 1909, diante da nova estrutura da Biblioteca e do vultoso crescimento do acervo, que muito se deu por conta da visibilidade que o Instituto alcançou com a Exposição Internacional do XIV Congresso de Higiene e Demografia de Berlim em 1907, Oswaldo Cruz convida Assuerus Hyppolitus Overmeer para dirigir a Biblioteca, sendo este experiente livreiro em Amsterdã, além de poliglota em seis idiomas (SOUSA, 2006, p. 62). Para melhor descrever a relevância de Overmeer para o acervo de Manguinhos, destacamos:

No ano de 1909, Oswaldo Cruz convidou o bibliófilo Assuerus Hippolytus Overmeer para organizar o acervo e exercer as funções de primeiro bibliotecário-chefe da Biblioteca de Manguinhos. Overmeer teve uma administração marcante à frente da biblioteca. Cuidou da organização do acervo no novo espaço e adquiriu catálogos e outros recursos técnicos de acesso às coleções, adotando a classificação decimal de Bruxelas, que até hoje é utilizada com a denominação de classificação decimal universal. (BERTOLETTO; SANT'ANNA, 2002, p. 190).

Cabe ressaltar que Overmeer passou a realizar o tratamento técnico do acervo utilizando o Sistema Decimal de Classificação do Instituto de Bruxelas combinado ao sistema

de folhas soltas da Enciclopédia de Nelson, tendo sido este feito publicado como matéria do *Jornal do Commercio*, de 22 de novembro de 1919.

Overmeer trabalhou na Biblioteca do então Instituto Oswaldo Cruz por 35 anos, de 1909 a 1944, mesmo ano de seu falecimento, sendo logo substituído por Hugo Capeto que veio redistribuído da Biblioteca Nacional, tendo falecido no ano seguinte. Logo depois, a Biblioteca foi assumida pela bibliotecária Emília Bustamante que, assim como Overmeer, deixou um legado de referência para o acervo de Manguinhos.

Em 1946, a direção da Biblioteca de Manguinhos foi assumida por Emilia Machado de Bustamante, que permaneceu no cargo até 1965, retornando a essa função no período de 1971 a 1976. A nova bibliotecária conseguiu expandir o acervo, ampliando sobretudo a permuta de periódicos, marca registrada do crescimento do acervo da Biblioteca de Manguinhos. Lecionou nos cursos de pós-graduação e de especialização do IOC e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e publicou vários trabalhos, entre eles o primeiro *Catálogo de Periódicos da Biblioteca do Instituto Oswaldo Cruz* no ano de 1959. (BERTOLETTO; SANT'ANNA, 2002, p. 190-191).

Com um entendimento de que a Biblioteca era parte fundamental do desenvolvimento científico da Instituição e, portanto, da saúde pública brasileira, o acervo cresceu vertiginosamente não só em volumes, mas também ao acompanhar o progresso científico global. Pode-se observar no relato de Arthur Neiva, médico e pesquisador que atuou no início das atividades do Instituto, que a preocupação em dotar a Biblioteca de um acervo de relevância sempre foi aplicada:

O Dr. Oswaldo Cruz, tendo comprovado que sem bibliotheca ou com uma pequena seria obrigar o Instituto a andar com muletas, resolveu fazer um desesperado esforço para organizar a actual, que é, sem dúvida, a melhor existente no mundo, entre os Institutos congeneres (NEIVA, 1940, p. 9).

Quase 100 anos depois e dispondo de dois espaços físicos distintos, nos Pavilhões Mourisco e Haity Moussatché (inaugurado em 1995), a Biblioteca de Manguinhos conta com um acervo de aproximadamente 1 milhão de itens, mantendo sua característica original de prover em seu acervo uma expressiva coleção de periódicos, como é usual para uma biblioteca científica, também sendo depositária de diversas outras tipologias documentais como teses, fruto das pesquisas da Fiocruz em seus numerosos cursos de pós-graduação, e também de outras instituições nacionais e internacionais, livros, folhetos, coleções especiais e obras raras, dentre outras. Este acervo é resultante dos 120 anos de pesquisa da Fiocruz.

De acordo com Sousa (2006, p. 67), Overmeer foi homenageado em virtude do reconhecimento do seu trabalho durante as comemorações do centenário da Biblioteca de Manguinhos, em 2000, sendo o espaço do Salão de Leitura da coleção de obras raras e especiais no Pavilhão Mourisco denominado “Seção de Obras Raras Assuerus Hyppolitus Overmeer”.

3 AS MARCAS DE PROVENIÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS E O CONTEXTO DE PROPRIEDADE

As marcas de proveniência são vestígios depositados na materialidade do livro que indicam origem e/ou propriedade. Porém, mesmo de forma estática, quando se tem a evidência material posta no objeto livro, esta sempre fará parte de um contexto histórico de produção.

Considerando o verbete “Proveniência” do *Dicionário do Livro* entende-se que:

Proveniência informação acerca da transmissão de propriedade de um manuscrito ou impresso. Uma encadernação especial com super-libros, ex-libris, carimbo, selo branco ou qualquer inscrição de anteriores possuidores pode indicar a proveniência. Reverte particular importância numa biblioteca quando o exemplar pertenceu a uma personalidade conhecida que, eventualmente, aí terá consignado os seus comentários. * pertence, marca de posse; origem. * instituição, administração, estabelecimento, organismo ou pessoa privada que criou, acumulou ou conservou documentos de arquivo no decurso da atividade dos seus negócios antes da sua transferência de um centro de pré-arquivo ou serviço de arquivos. *Ver* princípio da proveniência e proveniência territorial * fonte; origem; procedência (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 605).

Diante do caráter “genealógico” que possa vir a ter as marcas de proveniência, é significativo considerar que estão inclusas às marcas de propriedade, não como uma tipologia à parte e sim como contingente do todo. Ainda nos servindo do *Dicionário do Livro*, é importante atentar também para a significação apresentada sobre marcas de propriedade como “carimbo, etiqueta, selo branco em outro distintivo, que identifica um documento particular ou instituição, marca de posse; pertence, marca pessoal” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 483).

Sendo assim, a partir da leitura de *Provenance Research in Book History: A Handbook* (1998), de autoria de David Pearson, constatamos que o conceito “marca de propriedade” configura-se em uma situação de propriedade atual em que está colocada, enquanto “marca de

proveniência” indica a origem relacionada à(s) propriedade(s) anterior (es). Contudo, existindo uma interação onde a marca de propriedade é tipologicamente uma marca de proveniência.

Um *ex-libris*, por exemplo, pode se encaixar em qualquer dos conceitos, dependendo da configuração atual de propriedade do exemplar em que está empregado. Apesar de originalmente ter sido produzido para representação da propriedade, esta condição pode ser modificada ao longo da história do exemplar e este passar a ser uma marca de proveniência, sem estar cumprindo a sua função original de demarcação de posse no tempo presente.

Outro exemplo que nos ajudou a pensar sobre isso foram as dedicatórias, que apesar de não terem sido produzidas com o objetivo de retratar a propriedade ou proveniência podem ser assim interpretadas, como uma fonte de pesquisa que remete a identificação da proveniência, a partir da evidência depositada com o registro de oferta da dedicatória, de quem oferece e para quem é oferecido o exemplar.

Logo, as marcas de propriedade estão incluídas no conceito de marcas de proveniência, mas o que vai determinar a sua condição de estar exercendo a indicação de propriedade ou o percurso da proveniência é o contexto em que está inserida. A propriedade se conecta com a situação atual do exemplar, ou seja, um carimbo que indica a propriedade da Biblioteca de Manguinhos, só exerce a propriedade quando está incluído neste acervo, mas este carimbo em um acervo de outra biblioteca indica categoricamente a proveniência (origem ou uma das origens de onde veio o referido exemplar).

Tendo em vista a reflexão aqui sinalizada, consideramos importante ressaltar que existem marcas de proveniência que foram concebidas para cumprir a função de identificar a procedência do exemplar em que foram aplicadas, e outras que se transformaram em marcas de proveniência, apesar de sua função original ser distinta.

Por conseguinte, vimos a necessidade de categorizar de forma lógica e tipológica as marcas de proveniência como aquelas que são concebidas com a finalidade de marcar a posse ou simplesmente a proveniência de um exemplar, e assim denominamos estas marcas de proveniência como de origem e exercício “natural”. Outras marcas depositadas nos exemplares adquirem a finalidade de identificar a proveniência, sem ter este objetivo natural em seu propósito de existir e assim, convencionamos em chamá-las de marcas de proveniência “artificiais”. Estas especificações foram delineadas mediante a experimentação

guiada pela observação e análise das marcas de proveniência que pudemos conhecer a partir do acervo de Manguinhos.

Na tentativa de melhor nos aproximar desta concepção, trazemos um exemplo que é o uso de etiquetas vermelhas em percalina (**Fig. 2**) aplicadas à contracapa do livro, na posição da pasta dianteira, no canto esquerdo de quem manipula o exemplar. Este dispositivo originalmente era utilizado para dispor de forma visível o número de chegada da obra à Biblioteca, também utilizado como número de localização do exemplar ou coleção no acervo. Contudo, sendo utilizada como uma característica padrão ao acervo, passou a ser um dos elementos que demarcam a identidade dos itens da Biblioteca do Instituto Oswaldo Cruz, permanecendo até hoje como uma marca de propriedade deste acervo.

Figura 2 - Etiqueta vermelha com número de chegada/localização em exemplar da Biblioteca do IOC.



Fonte: Acervo Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / Iciot / Fiocruz (2020)

Podemos observar na prática a funcionalidade da aplicação das marcas de proveniência dos exemplares de Manguinhos em episódio relatado por Gilberto Villela em conversa com Overmeer:

Contou-me que certa vez, quando ia tomar a condução de volta ao Instituto, já lá estava sentado Oswaldo Cruz que empunhava vários livros e, dentre

eles, um com a capa vermelha e as letras douradas características dos livros encadernados no Instituto. Overmeer dirigiu-se a Oswaldo e disse: “Dr. Oswaldo, esse livro é da biblioteca e não pode sair de lá, conforme suas ordens”. Oswaldo entregou-lhe então obedientemente o livro de volta. Overmeer, disse-me rindo, que Oswaldo queria experimentá-lo e ficou satisfeito com o teste. (VILLELA, 1972, p. 1191).

4 MARCAS DE PROPRIEDADE DA BIBLIOTECA DE MANGUINHOS

As marcas de propriedade da Biblioteca de Manguinhos são variadas e possuem diferentes formatos e locais de aplicação em seus exemplares. Foram identificadas até o momento 30 (trinta) marcas de propriedade deste acervo, sendo carimbos secos e úmidos, *ex-libris*, *super-libris*, etiquetas, folha de guarda e elementos estabelecidos em padrão de encadernação. Seguiremos a descrever algumas destas marcas que tem em sua composição, frequência de uso e representatividade destaque junto ao acervo.

Inicialmente, vamos tratar de marcas específicas com a denominação “Instituto de Manguinhos”, que aparece em um carimbo seco (**Fig. 3**) e em outras diversas formas de gravação, como nas lombadas das encadernações. Esta, porém, sempre foi uma incógnita para nós, pois a Instituição nunca teve oficialmente esta designação. Foi perceptível que esta ocorrência figurava principalmente em volumes com numeração baixa, ou seja, em exemplares que foram inseridos no acervo nos momentos iniciais de sua formação. Constatamos também que a designação “Instituto de Manguinhos” aparecia em reportagens de jornais e documentação administrativa, como se esta fosse sua nomenclatura reputada.

Figura 3 - Carimbo seco do “Instituto de Manguinhos - Rio de Janeiro”



Fonte: acervo Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / Ici / Fiocruz (2020)

Esta dúvida pode ser esclarecida ao encontrarmos a seguinte informação em texto da revista *Arquivos* sobre o Instituto Oswaldo Cruz:

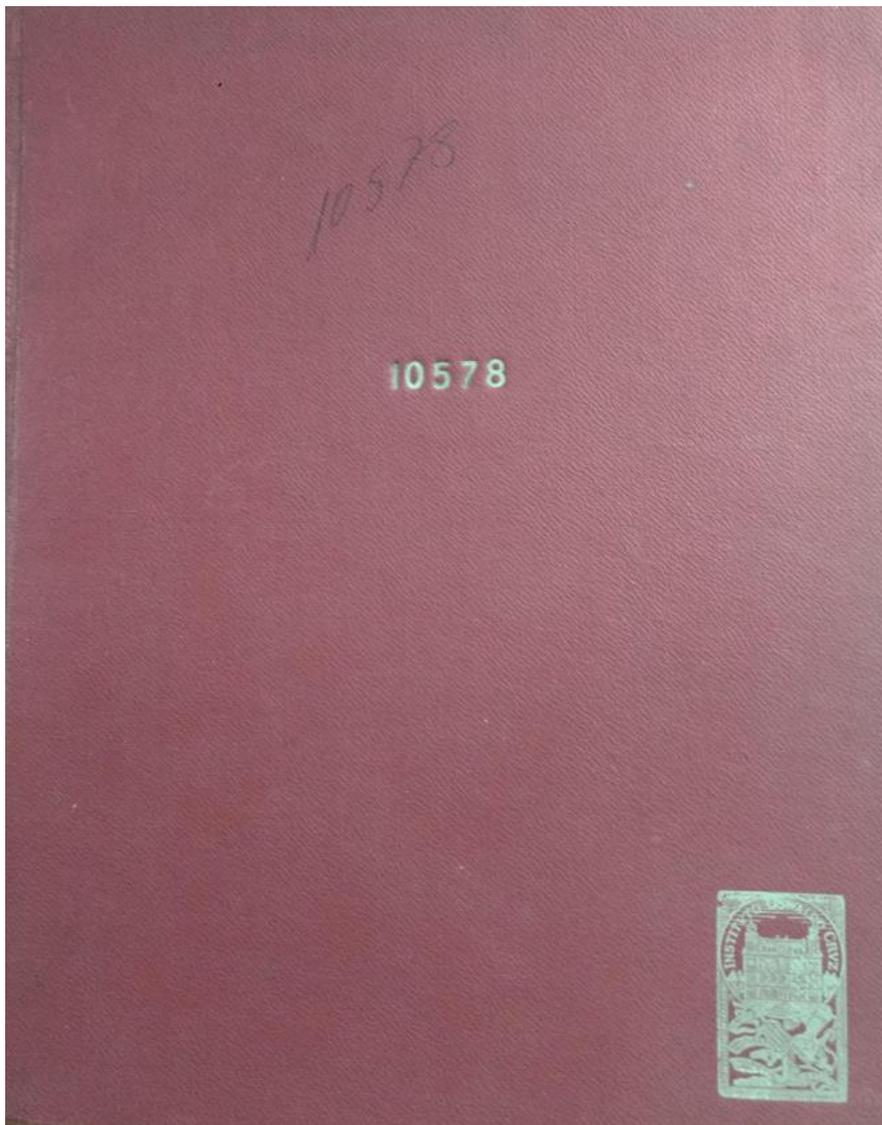
Entretanto, apesar da evolução e da complexidade de seus trabalhos, a instituição continuava subordinada ao nome primitivo de Instituto Soroterápico. O outro, o que se tornaria famoso, apareceu pela primeira vez num trabalho de Oswaldo Cruz “A Vacinação Antipestosa”, publicado em 1901, cuja dedicatória impressa na primeira página, dizia textualmente: “Ao Exmo. Sr. Barão de Pedro Afonso - Fundador e Diretor do Instituto de Manguinhos”. E no título da obra, a seguinte indicação de origem: “Trabalho do Instituto Soroterápico Federal do Rio de Janeiro - (Instituto de Manguinhos)”. (INSTITUTO... 1948, p. 4).

Em outro trecho do mesmo texto, Henrique Beaurepaire de Aragão, médico, pesquisador e também presidente da Fundação Oswaldo Cruz entre os anos 1942 e 1949, em

uma conferência sobre Oswaldo Cruz, informa que sob o nome “Instituto de Manguinhos”, “permaneceu uma espécie de mística, condensado e atualizado sempre o sentido heróico dos primeiros dias de fundação”. (INSTITUTO..., 1948, p. 4).

Das mais constantes marcas que apontam para uma condição de propriedade, principalmente quando associada ao livro de registros, existe uma etiqueta vermelha em percalina, com número de chegada da obra que está sempre posta no canto esquerdo da pasta dianteira da encadernação de cada exemplar (**Fig. 2**). Porém, não era incomum que esta informação também pudesse aparecer gravada diretamente na pasta dianteira da encadernação identificada em dourado mas também na coloração branca.

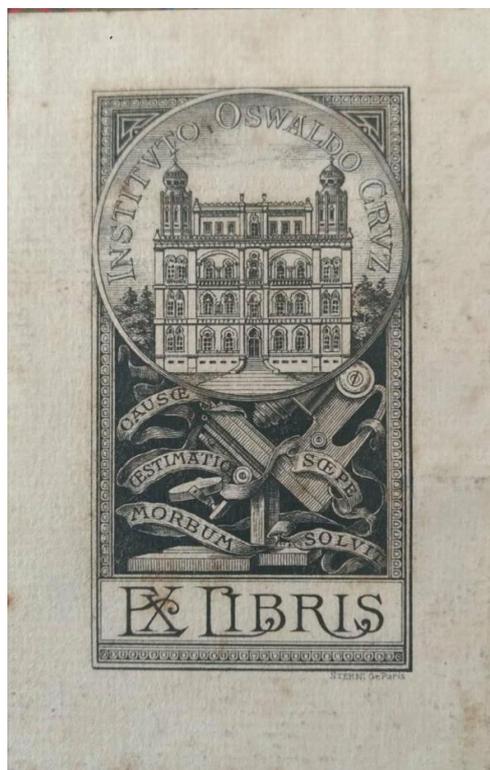
Figura 4 - Gravação do número de chegada na pasta dianteira da encadernação da Biblioteca do IOC



Fonte: Acervo Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / Iciat / Fiocruz (2020)

Algumas marcas se tornaram emblemáticas e com indiscutível relação com a Instituição até hoje, como o ex-líbris (**Fig. 5**), que têm como figura central o Castelo Mourisco, sede e símbolo da Fiocruz, tendo sido confeccionado pela Casa Stern de Paris no início do século XX, detentor da seguinte epígrafe latina retirada da obra *De medicina*, de Celsius, Livro I “Causae aestimatio morbum saepe solvit”, que significa – “o conhecimento da causa costuma eliminar a doença” (*tradução nossa*).

Figura 5 - Ex-líbris da Biblioteca do IOC.



Fonte: Acervo Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / Ici / Fiocruz (2020)

Um outro modelo de carimbo seco encontrado nos exemplares do acervo dispõe da mesma imagem produzida para o ex-líbris (**Fig. 6**), identificado em itens com o número de entrada no acervo mais altos do que os encontrados marcados com o modelo de carimbo seco anterior, com o microscópio. Ou seja, ao que pudemos observar, este é um modelo de carimbo seco utilizado posteriormente ao modelo do microscópio, também não tendo sido localizado exemplares com o uso concomitante destes dois modelos.

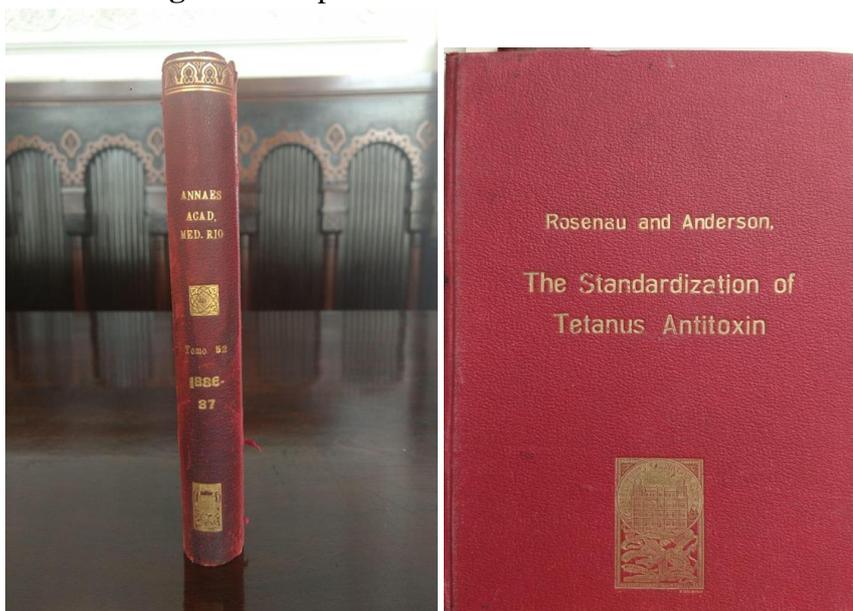
Figura 5 - Carimbo seco com a reprodução da imagem do ex-líbris da Biblioteca do IOC.



Fonte: Acervo Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / Icict / Fiocruz (2020)

Outra marca de propriedade extremamente presente no acervo é o super-libros, que possui a mesma imagem do *ex-libris* (**Fig. 6**), inclusive contendo a mesma inscrição, aplicado ora na pasta dianteira e ora na lombada das encadernações.

Figura 6 - Super-libros da Biblioteca do IOC.



Fonte: Acervo Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / Icict / Fiocruz (2020)

O acervo era encadernado em um mesmo padrão vermelho, com aplicação da gravação do super-libros e outros elementos em dourado que, conforme consta em publicação institucional, teve sua gravação aplicada em ouro (INSTITUTO..., 1948, p. 6). Mesmo havendo variação em alguns aspectos da encadernação, como por exemplo em alguns casos sendo produzida no formato pleno, em $\frac{3}{4}$ (três quartos) ou meia-encadernação, as características da produção em vermelho com a aplicação de elementos padronizados eram comuns. Os elementos mais frequentes aplicados à encadernação são: o super-libros com a imagem reproduzida do ex-líbris, as inscrições “Instituto de Manguinhos”, “Instituto Oswaldo Cruz”, as abreviaturas “I.O.C.”¹ e “Inst. Osw. Cruz”, gravados na lombada.

Figura 7 - Marcas de propriedade da Biblioteca do IOC aplicadas às lombadas com diversas variações

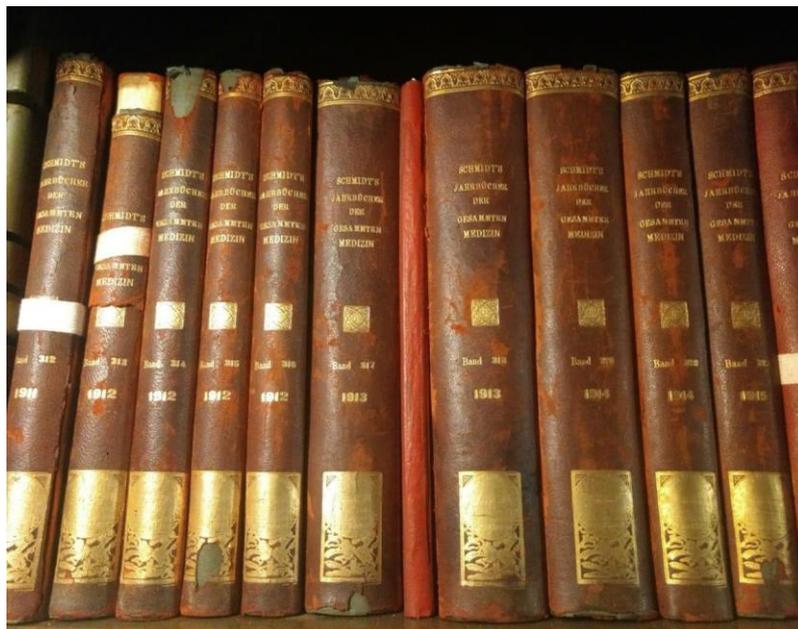


Fonte: Acervo Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / Ici / Fiocruz

Também sendo comumente evidente a douração da figura de um átomo e de um friso mourisco no cabeceado.

¹ Significa Instituto Oswaldo Cruz.

Figura 8 - Douração de figura de um átomo nas lombadas dos exemplares da Biblioteca do IOC.



Fonte: Acervo Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / Iciict / Fiocruz

Ainda referindo-se à encadernação, pode-se compreender um pouco mais sobre a dedicação que sempre se atribuiu a essa característica dos exemplares de Manguinhos, quando encontramos em uma reportagem do *Jornal do Commercio* (1915, p. 2) a menção “as oficinas de encadernação” destinada a proteger (e marcar) os volumes da Biblioteca.

No terceiro andar visitamos primeiramente as oficinas de encadernação, com duas machinas para dourar e aparar, e uma grande prensa. O Diretor mandou vir especialmente de Leipzig, um profissional que esteve aqui algum tempo preparando vários empregados do Instituto nessa especialidade. (MANGUINHOS, 1915, p. 2).

De acordo com Dias (1918, p. 25) “Contigua á bibliotheca há uma officina de encadernação, o que constitue uma grande vantagem, porque as brochuras não sahem do Instituto, e não há, portanto, nenhum receio que extraviarem fascículos das preciosas coleções”, o que demonstra não somente o zelo, mas também a relevância dada aos itens do acervo, visto que não devia ser nada fácil sua aquisição e manutenção.

Podemos assim ressaltar que as marcas de propriedade da Biblioteca do Instituto Oswaldo Cruz foram muito empregadas nas encadernações, tanto em quantidade quanto em variedade. As encadernações são fontes documentais para as marcas de proveniência, e no caso específico do acervo de Manguinhos, extremamente exploradas na sua função primária

de guarda e na atribuição extraordinária como marca de propriedade e mesmo procedência, quando localizada em outros acervos da própria Instituição. Assinala também um tempo e uma prática instituída para esta coleção.

Uma informação adicional para esta pesquisa em proveniência é o apontamento trazido pelo cientista César Pinto (1935, p. 52) que indica que “todos os volumes são encadernados no Instituto e obedecem a um tipo de encadernação uniforme, escolhido pelo próprio Oswaldo Cruz”. Se trata de mais uma relação de identidade entre a Biblioteca e sua Instituição, pois o padrão de encadernação não foi aplicado de forma aleatória, e sim de acordo com a definição estabelecida por um dos seus fundadores de maior relevância científica e institucional, cuja Instituição leva seu nome há mais de cem anos.

Ainda como marca de propriedade constituinte do acervo, este possui em seus exemplares uma folha de guarda mourisca (**Fig. 9**) posta na parte interna das pastas da encadernação, resultado da reprodução da estampa LX da obra *The Alhambra*, publicada por Albert Frederick Calvert, e presente no acervo da Biblioteca na edição de 1906. Esta folha de guarda foi empregada sistematicamente nos exemplares da coleção da Biblioteca do Instituto Oswaldo Cruz. Sabemos que a função original da folha de guarda é a proteção do miolo do livro, mas que neste acervo ganhou uma atribuição excedente: contribuir na identificação dos exemplares desta Biblioteca e assim cumprir também a tarefa de demarcar a posse.

Figura 9 - Folha de rosto e *plate* LX do livro *The Alhambra* (1906) e imagem da folha de guarda aplicada aos exemplares da Biblioteca do IOC



Fonte: ALMEIDA; PERUZZO, 2020, slide 23

Segundo Costa e Andrade, é perceptível a conexão entre a decoração do Castelo Mourisco da Fiocruz, onde a Biblioteca tem seu espaço desde 1909, com o Palácio de Alhambra, havendo inclusive, até os dias atuais, um exemplar no acervo que remete diretamente e mais uma vez à relação entre o prédio e o acervo bibliográfico:

Na parte decorativa, com certeza, a grande referência ficaria por conta do Palácio de Alhambra, em Granada. O livro sobre Alhambra, editado em 1906 por Albert F. Calvert, oriundo da biblioteca particular de Oswaldo Cruz e hoje pertencente ao acervo da Biblioteca de Obras Raras da Fiocruz, traz desenhos adotados por Moraes Jr. em Manguinhos. (COSTA; ANDRADE, 2020, p. 559).

Nas palavras impressas no *Jornal do Commercio* em 1915, podemos observar também um significado latente entre as marcas da Biblioteca do Instituto e seu edifício, com a seguinte observação: “A encadernação dos livros obedece ao mesmo estilo do edificio. Todos os volumes são encadernados em tipo Alhambra e marcados no dorso com o ex-líbris do Instituto, notando-se na parte exterior a frisa e o sinal mouriscos” (MANGUINHOS, 1915, p. 2).

Em razão do reconhecimento da identidade do edifício com o acervo e de todo um significado histórico e simbólico, resolvemos voltar a usar o recurso de marcar a propriedade dos itens do acervo pela sua encadernação. Isso não pressupõe a troca de nenhuma encadernação, e sim a produção de novas capas, apenas para volumes que as necessitem por questões de conservação e recuperação da mecânica do exemplar.

No ano de 2016, buscando recuperar a prática e a funcionalidade da aplicação de marcas de propriedade às novas encadernações deste acervo, foram produzidos ferros de douração, respeitando a atual temporalidade, mas ao mesmo tempo tentando manter a tradição e identidade do acervo com a Fiocruz e com seu espaço de guarda e consulta. Verificamos assim um esforço de perpetuar uma visão presente nas marcas de propriedade desde o início da constituição deste acervo e sua relação de pertencimento. Com este entendimento, foram produzidos novos ferros de douração para serem aplicados como super-libros, florões e friso mourisco, compondo as novas encadernações (**fig. 10**).

Figura 10 - À esquerda, ferro para douração de super-libros e à direita roda para aplicação de friso mourisco às encadernações.



Fontes: Fotografias Maria Claudia Santiago e Cassiano Peruzzo

Vale destacar que os florões abaixo apresentados nas imagens são itens novos e que demarcam uma ação atual, não podendo ser remetidos às gravações antigas, pois não são imagens reproduzidas de marcas utilizadas em outros tempos e sim contemporâneas. No entanto, buscando manter a relação significativa do prédio com o acervo, os florões foram transladados do mural de madeira e das portas de entrada componentes do salão de leitura da Biblioteca.

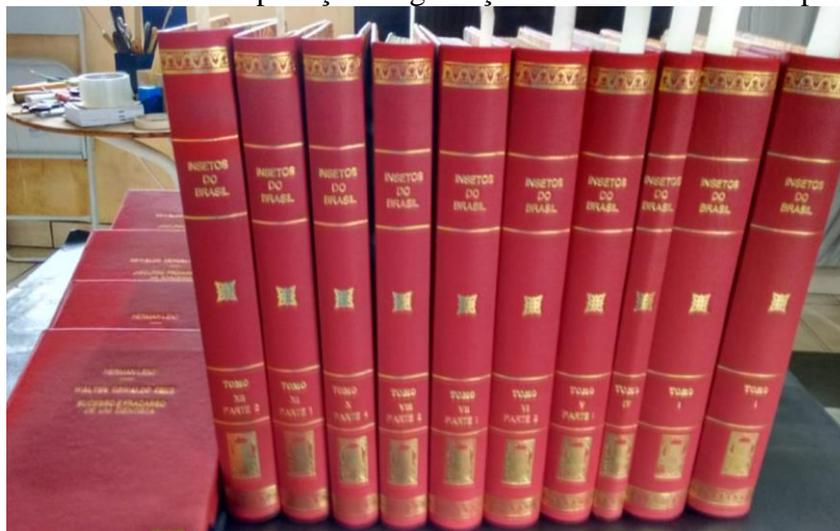
Figura 11 - À direita, detalhe em madeira da porta de entrada do salão de leitura da Seção de Obras Raras da Biblioteca de Manguinhos e à esquerda ferro de douração para aplicação de florão sendo confeccionado em alusão ao referido detalhe da porta.



Fontes: Fotografias Maria Claudia Santiago (à esq) e Cassiano Peruzzo (à dir).

Nas imagens abaixo podem ser vistos os resultados da aplicação dos novos ferros confeccionados para o trabalho de marcação das novas encadernações da Seção de Obras Raras da Biblioteca de Manguinhos.

Figura 12 - Resultado da aplicação da gravação com os novos ferros produzidos.



Fonte: Fotografia Carlos Magefeste

5 PERCEPÇÃO DO ACERVO DE MANGUINHOS ATRAVÉS DE SUAS MARCAS DE PROVENIÊNCIA

A constituição de um acervo está na composição alcançada diante da formação e do desenvolvimento da sua coleção. O acervo da Biblioteca de Manguinhos é o resultado de uma diversidade de acervos pessoais de cientistas e de outras instituições, que majoritariamente estabeleceram algum vínculo institucional ou de área do conhecimento com o acervo em questão. Para além disso, também pode-se avaliar na sua constituição as aquisições e os assuntos incorporados diante do andamento das pesquisas institucionais ao longo do tempo, condição que extrapola a proposta da conjectura das marcas de proveniência.

5.1 Marcas de Proveniência da Coleção Oswaldo Cruz

O maior e mais eminente exemplo do desenvolvimento do acervo de Manguinhos está na coleção particular do próprio Oswaldo Cruz, que manteve uma conexão direta e atuante com a Biblioteca, desde a projeção do seu espaço, passando pelo uso e expansão do seu acervo.

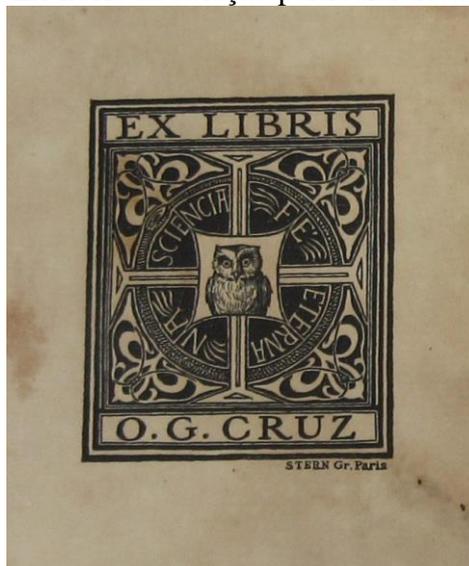
Alguns anos após o falecimento de Oswaldo Cruz, a União adquiriu seu acervo particular, incluindo o mobiliário, para fazer parte do patrimônio do Instituto. Segundo o *Relatório da Controladoria Central da República*, referente ao exercício de 1929, consta a informação que havia um projeto do Sr. Plínio Marques para a aquisição da biblioteca de Oswaldo Cruz pela União. Este material, junto com suas estantes, seria entregue ao Instituto Oswaldo Cruz. No mesmo relatório aparece referência ao Decreto nº 18.935, de 7 de outubro de 1929 (BRASIL, 1930, p. 133), com a aprovação do “crédito votado” e o registro da despesa desta aquisição.

Atualmente, ao manipularmos itens da coleção que pertenceram a Oswaldo Cruz, podemos testemunhar a presença de várias marcas de proveniência e de como estas podem expressar um pouco dos valores e concepções de Oswaldo como colecionador, e ao que parece, atento em deixar suas marcas nos exemplares de sua coleção.

Asseguradamente, seu *ex-libris* (**Fig. 13**) é resultado deste movimento de marcação da sua coleção e ao mesmo tempo expressão de suas convicções. Confeccionado, assim como o *ex-líbris* da Biblioteca do Instituto Oswaldo Cruz, pela *maison* parisiense Stern, foi produzido

em água forte, com as dimensões de 67x56mm. “É uma bela peça, simbólica, com a figura de uma coruja no centro e a divisa “Fé eterna na ciência”, palavras colocadas no interior de um círculo formado por uma cobra”. (SILVA; MACIEL, 2014, p. 60).

Figura 13 - Ex-líbris da coleção particular de Oswaldo Cruz



Fonte: Acervo Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / Iciict / Fiocruz (2020)

Ainda de acordo com Costa e Silva e Maciel (2014, p. 60), Oswaldo Cruz teve outro ex-líbris, gravado no Rio de Janeiro, sendo fiel ao modelo anterior, porém com o nome latinizado de “O. G. Crucis”, não localizado até o momento em nenhum exemplar do acervo.

Figura 14 - Exemplos de ex-líbrs latinizado da coleção particular de Oswaldo Cruz em tamanhos diferentes.



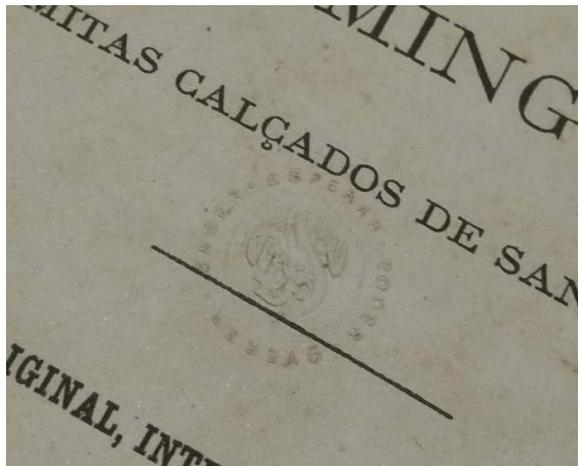
Fonte: Acervo Biblioteca Central da Universidade de Brasília (UnB)

Nos mantendo na temática do ex-líbrs de Oswaldo Cruz, encontramos na exposição *Do teu saudoso Oswaldo*², um trecho de uma das cartas reproduzidas em exibição que dizia: “Lizeta peço-te que continues a organizar o catálogo de meus livros e se dispuseres de tempo e com o auxílio de Oswaldinho, da Hercília e do Bentinho[...] colem os ex-líbrs e numerem”. Em explicação junto a este trecho da carta havia a informação de que se tratava de uma correspondência de 1910, e que Oswaldo escreveu a referida carta estando no Pará, por ter sido chamado pelo governador do estado para trabalhar no combate à febre amarela.

Nos itens da coleção particular de Oswaldo ainda podem-se observar várias outras marcas de proveniência, como a marca pessoal de sua papelaria que traz o emblema “Saber-Esperar-Poder-Querer” e o seu nome “Oswaldo”, envolvido com o emblema ao redor.

² Exposição que trata da correspondência pessoal de Oswaldo Cruz e dispõe de um olhar sobre a sua personalidade e sua relação familiar. Esteve em exibição no Centro Cultural dos Correios, Rio de Janeiro, entre 29 de março a 30 de junho de 2019.

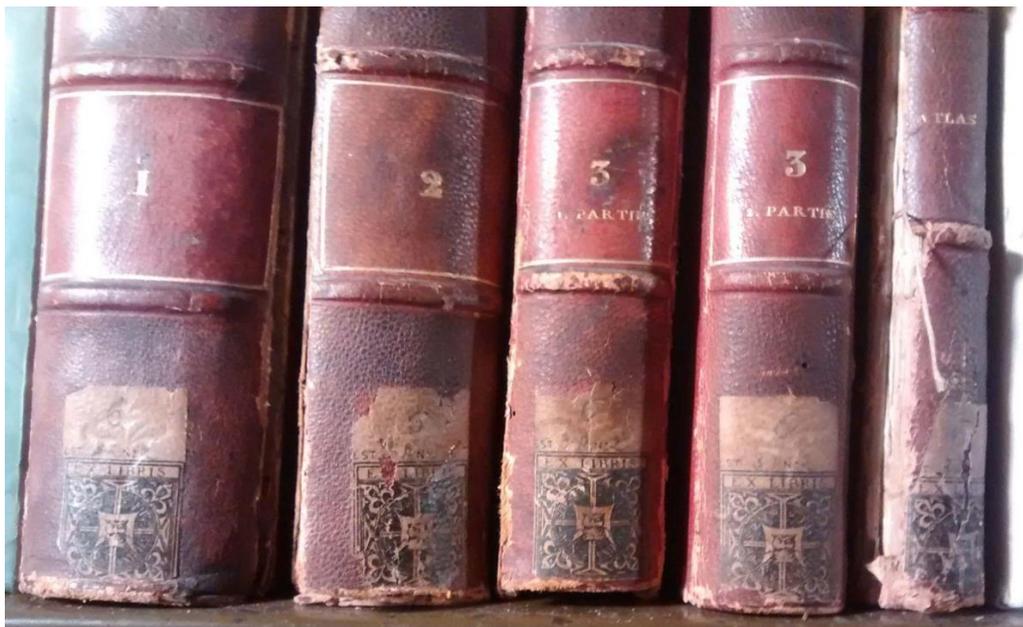
Figura 15 - Carimbo seco da papelaria de Oswaldo Cruz.



Fonte: Acervo Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / Icict / Fiocruz

Uma marca que remete à coleção de Oswaldo e que pudemos observar em alguns (poucos) exemplares foi a reprodução do ex-líbris em papel, no formato de miniatura, aplicada às lombadas dos livros, contendo ainda a informação de “Est.” [estante] e “Nº” [número], remetendo provavelmente a localização do exemplar perante a organização física em seu local original (ou seja, no mobiliário que compunha sua biblioteca particular). O tamanho se assemelha a um dos exemplares de ex-líbris latinizados pertencente à coleção da Biblioteca Central da UnB.

Figura 16 - Super-libros em papel aplicado à lombada de exemplares da coleção Oswaldo Cruz.



Fonte: Acervo Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / Icict / Fiocruz

Ainda marcando a encadernação dos exemplares da coleção Oswaldo Cruz, encontramos uma abreviatura contendo as iniciais aplicadas na lombada de exemplares “O. G. C.”, remetendo a Oswaldo Gonçalves Cruz, acrescida de uma cruz parecida com a que está posta no ex-líbris.

Figura 17 - Douração da sigla O.G.C. e a imagem de uma cruz.



Fonte: Acervo Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / Ici / Fiocruz (2022)

Além da localização nas estantes estarem presentes nas lombadas juntamente com a reprodução do ex-líbris, também localizamos a colocação de uma etiqueta em papel aplicada à parte interna da pasta dianteira, por cima da folha de guarda, como apresentamos a seguir **(Fig. 18)**.

Figura 18 - Ex-líbris da coleção Oswaldo Cruz, sem bordas, e com as informações de EST. [estante] e N° [número] preenchidas à lápis.

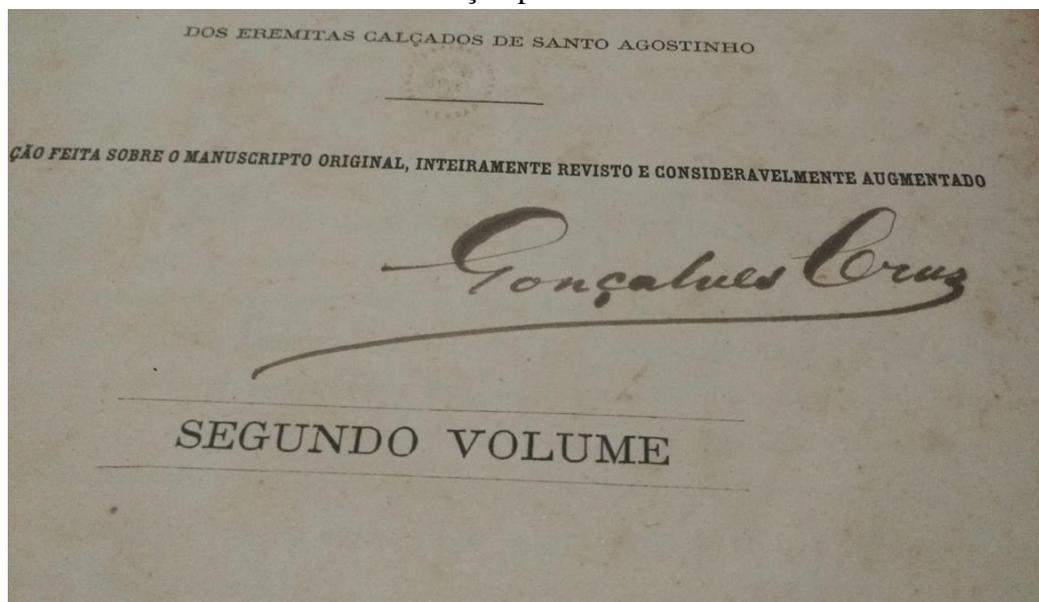


Fonte: Acervo Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / Iciict / Fiocruz

Acreditamos que esta etiqueta contendo a localização de estante e número possa ter sido retirada do próprio ex-líbris, já que ele está visivelmente cortado em suas bordas. De acordo com a imagem que temos da coleção do exemplar presente na coleção da UnB (Fig. 14), e também publicado na obra *Ex Libris: pequeno objeto de desejo*, apresentando uma das versões do exemplar do ex-líbris de Oswaldo Cruz, com a informação da localização física do livro, da referida coleção gravada em conjunto com a imagem no mesmo com espaço previsto para ser preenchido manualmente (BERTINAZZO, 2012, p. 126). Na imagem acima (**Fig. 18**), as características são as mesmas, porém com a imagem do ex-líbris separada dos espaços de localização para preenchimento.

Assinaturas e dedicatórias também são muito frequentes nos itens do acervo de Oswaldo Cruz e remetem à proveniência do exemplar, atuando como fonte do percurso e/ou posse, ou seja, por onde o exemplar passou. Oswaldo Cruz costumava assinar “Oswaldo Gonçalves Cruz” ou mesmo “Gonçalves Cruz”.

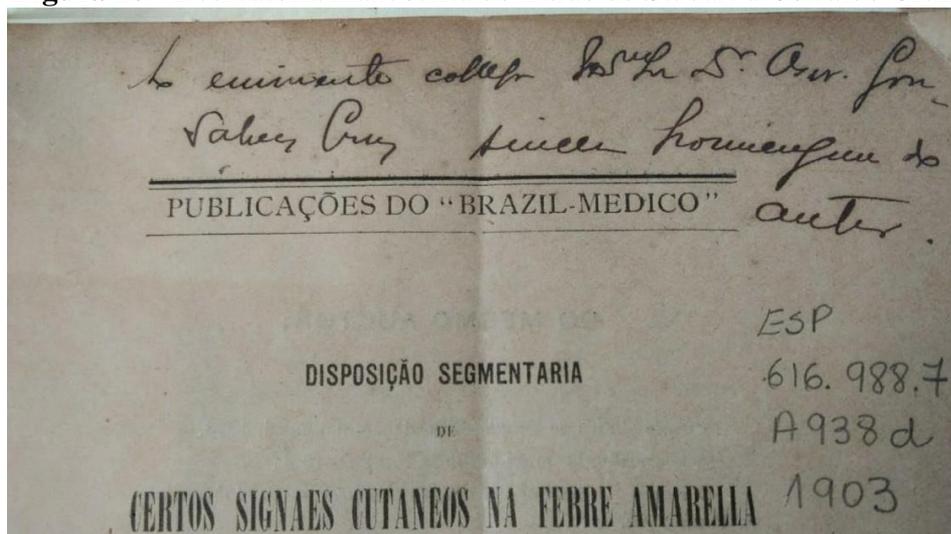
Figura 19 - Assinatura de Oswaldo Cruz em uma folha de rosto de um exemplar da sua coleção particular.



Fonte: Acervo Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / IciCT / Fiocruz

Nas dedicatórias, era comum o uso de fórmulas protocolares como “Ao Director do Instituto Oswaldo Cruz”, mas havia uma grande variação, já que a dedicatória não possui uma regra e vai ser produzida de acordo com quem dedica.

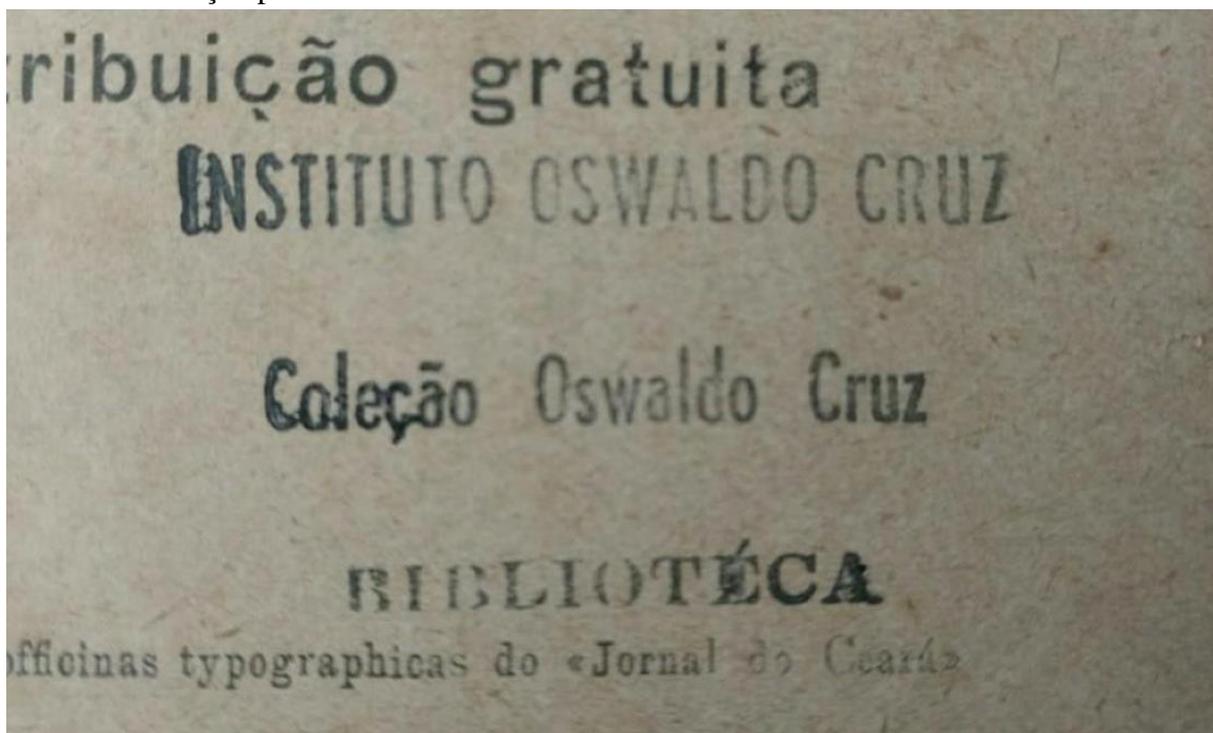
Figura 20 - Dedicatória manuscrita do Barão de Studart à Oswaldo Cruz.



Fonte: Acervo Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / IciCT / Fiocruz

Uma marca de proveniência específica aparece posta nos itens da coleção Oswaldo Cruz que congregam características temporais bem definidas. É o carimbo úmido aplicado aos itens da coleção, particularizando os itens como sendo de origem da coleção particular de Oswaldo e discriminando a propriedade por parte da Biblioteca do Instituto Oswaldo Cruz. Sendo assim, trata-se de uma marca a propriedade que transporta a proveniência.

Figura 21 - Carimbo úmido da Biblioteca do Instituto Oswaldo Cruz utilizado para demarcar os itens da coleção particular de Oswaldo Cruz.



Fonte: Acervo Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / Icict / Fiocruz

5.2 A diversidade de marcas de proveniência e o desenvolvimento da coleção de Manguinhos

Ao manipularmos os itens da coleção de obras raras e especiais da Biblioteca de Manguinhos, podemos ver uma imensidão e pluralidade de marcas de proveniência, tanto de cientistas do Instituto Oswaldo Cruz, quanto de instituições que existem ou mesmo que foram dissolvidas ou absorvidas por outros órgãos. Muitos itens também doados pelos próprios autores sendo comum a presença de suas dedicatórias ou mesmo autógrafos.

Consideramos de grande relevância e significado para o acervo de Manguinhos ter a colaboração de tantos pesquisadores e instituições, que reconheceram neste acervo um lugar

de interesse para que pudessem dispor de seus acervos, em consonância com a própria pesquisa e desenvolvimento institucional.

Além da coleção do próprio Oswaldo Cruz, temos itens das coleções de pesquisadores como Carlos Chagas, Henrique Aragão, Artur Neiva, Arthur Vianna, Gaspar Viana, Cesar Guerreiro, Pirajá da Silva, Haity Moussatché, Leônidas Deane, Lobato Paraense, dentre tantos outros cientistas de Manguinhos. É tangível e evidente o quanto as coleções pessoais dos cientistas da Instituição fazem parte da constituição do acervo da Biblioteca de Manguinhos, sendo não só materialmente importante, mas contributivo para o desenvolvimento desta coleção e das pesquisas dela resultantes ou partícipes.

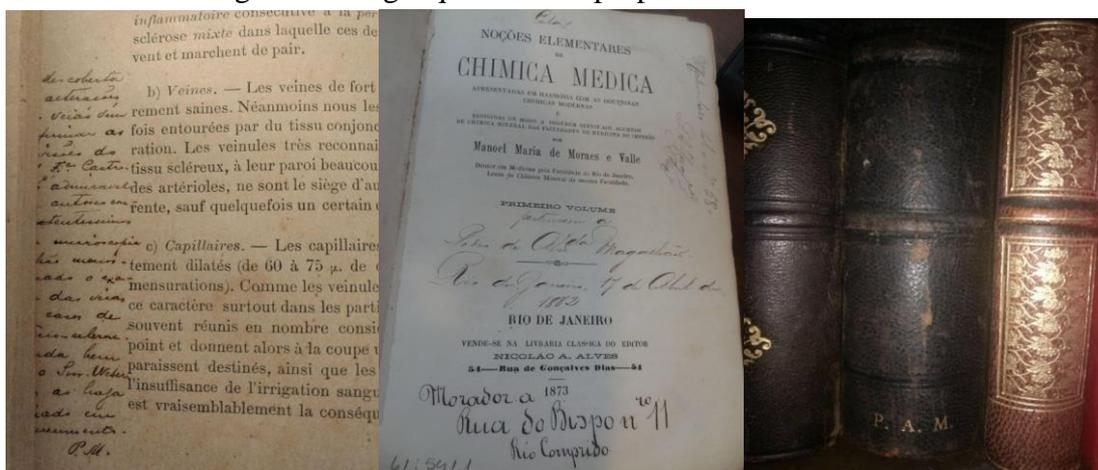
Das marcas de proveniência institucionais podemos citar a presença de algumas como as do Hospital Paula Cândido, Instituto de Patologia Experimental do Norte, Instituto de Leprologia, Departamento Nacional de Saúde, Departamento Nacional da Criança, Bibliotheca do Estado do Pará, Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil e Biblioteca Militar.

Algumas outras marcas de propriedade, que são marcas de proveniência no acervo de Manguinhos, correspondem não a cientistas da Instituição, mas a outros médicos ou pesquisadores que tiveram seu acervo (ou parte dele) incorporado. Um exemplo muito assíduo no acervo da Biblioteca de Manguinhos, em especial na coleção de obras raras e especiais, são itens da coleção do médico Pedro de Almeida Magalhães. Além de uma grande quantidade de itens dispostos no acervo, possui uma extensa variedade de marcas de proveniência deixadas por ele, que era professor catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e faleceu em 1909, em plena atividade profissional e acadêmica, aos 45 anos. Em matéria do *Brazil Médico*, por ocasião de seu falecimento, ficou claro o quanto era estimado e respeitado na área médica.

Retornando às marcas de proveniência, assim como Oswaldo Cruz, Pedro de Almeida Magalhães deixou os itens da sua coleção particular extremamente marcados, desde a aplicação de siglas nas lombadas para demarcar a sua posse até marginálias contendo observações sobre o conteúdo do livro impresso, acrescidas de comentários correlatos ao seu conteúdo. Assinava seus livros tanto por extenso como por rubrica, que passamos a identificar pela frequência com que apareciam nos livros com outras marcas, o que fez com que pudessemos passar a reconhecer e identificar itens que tinham só a rubrica como de sua coleção particular. Mesmo nas assinaturas por extenso também havia variação, algumas vezes

usava seu nome completo e outras apenas parte dele. Outra característica interessante era que escrevia seu endereço completo em algumas ocasiões, como se quisesse se resguardar diante de algum infortúnio, caso o livro fosse perdido se saberia a quem pertencia e onde se poderia devolvê-lo. Em outros casos encontramos o que parece ser o indicativo da informação de quanto custou o exemplar.

Figura 22 - Da esquerda para a direita, marginalia com assinatura abreviada; folha de rosto contendo assinatura por extenso, rubrica e endereço ao que parece do dono do exemplar, Pedro de Almeida Magalhães e sigla que indica a propriedade com as iniciais P. A. M.



Fonte: Acervo Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / Ict / Fiocruz

Consideramos que, mesmo aqueles itens oriundos de acervos pessoais de figuras que não tinham uma associação direta com a Fiocruz, viam no acervo de Manguinhos algum tipo de relação, assim como os profissionais que atuavam na Biblioteca que aceitavam esses acervos, que provavelmente estavam em consonância com as pesquisas institucionais. Ou seja, é visível que através da incorporação dos acervos pessoais se estabelecem vínculos entre a instituição, as áreas de pesquisa e aqueles que por meio de suas coleções ou itens possam tê-los constituído e colaborado com o desenvolvimento científico produzido ou reproduzido.

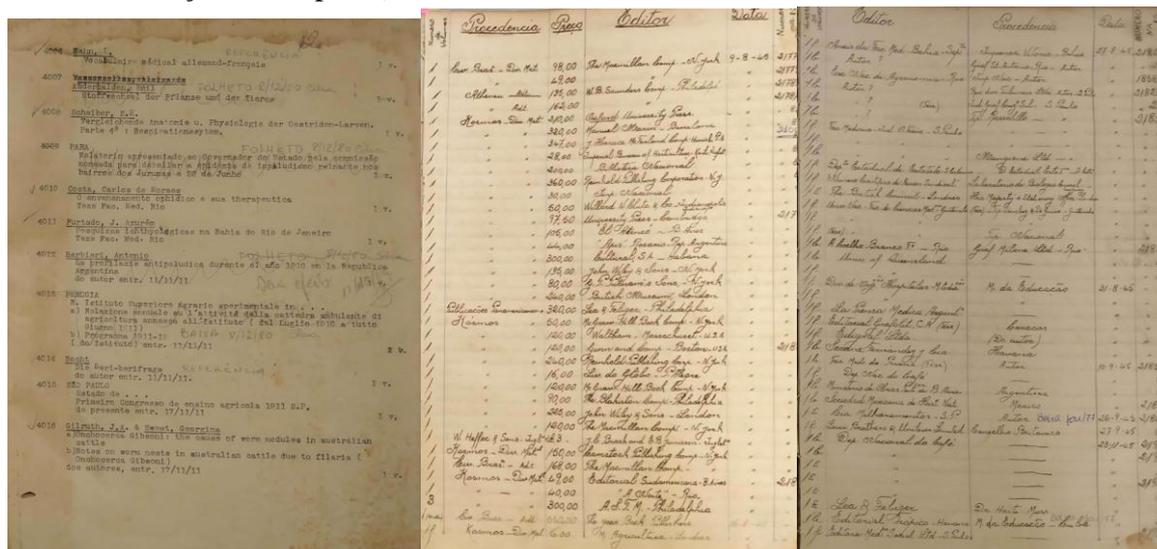
6 OS DOCUMENTOS ASSOCIADOS À PROVENIÊNCIA COMO FONTES

Nem todos os itens de uma biblioteca possuem uma marca de proveniência como herança de origem. Ainda assim, todos têm uma trajetória, curta ou longa, até a chegada ao acervo em que se encontram. Portanto, existem outras possibilidades de pesquisa para que se alcance a descoberta da proveniência dos itens dos acervos em que atuamos.

Uma fonte excepcional de pesquisa é que, dependendo da forma adotada por cada biblioteca, pode trazer mais ou menos evidências relacionadas à proveniência, são os livros de tomo. Seu funcionamento tem como princípio registrar a incorporação de cada item que passa a compor o acervo, tendo assim um caráter de inventário.

O que pudemos perceber em Manguinhos foi a existência temporal de dois modelos, com a configuração do que registrar e como registrar de maneiras diferentes. Os livros de tomo utilizados na “era Overmeer” (1909-1944) que foram localizados, possuem uma forma de registro resumida em relação ao período seguinte, contendo apenas o número de chegada da obra (sequencial), título, autor, quantidade de volumes e a data de entrada do(s) item(ns) no acervo. Já no período de gestão da bibliotecária Emília Bustamante (1946-1965 e 1971-1976), os livros de tomo passam a ter uma nova configuração, inclusive separados pelas formas de aquisição, um livro para compras e outro de doações, havendo uma preocupação não só em descrever o que e quando chegou, mas também como chegou, de onde veio, quem comprou ou doou e o custo.

Figura 23 - Páginas dos livros de tomo da Biblioteca do IOC. Da esquerda para a direita, página referente ao ano de 1911, que além das informações bibliográficas e quantidade de exemplares e/ou volumes conta com a data de entrada da obra no acervo; a segunda imagem trata-se do livro de tomo pela modalidade de aquisição compra do ano de 1945 que possui as informações de “preço” e “procedência” (local onde foi realizada a compra); e a última imagem demonstra o livro de tomo também referente ao ano de 1945 na modalidade de aquisição doação que abrange as informações de “procedência” no que tange ao doador (pessoa, instituição ou empresa).



Fonte: Documentação da Biblioteca de Manguinhos / Seção de Obras Raras / Iciat / Fiocruz

Podemos nos perguntar: o que isso tem a ver com a procedência? Tudo! Pois não só temos as evidências incluídas em exemplares onde buscamos conhecer a procedência a partir de uma marca depositada, mas também fazemos um outro caminho, de utilizar como fontes outros instrumentos como o livro de tomo, o que vem contribuindo para conhecermos a origem dos itens do acervo, mesmo aqueles que não possuem nenhum vestígio material acumulado no item/peça.

Outras fontes como documentos administrativos, notas fiscais, memorandos, ofícios, cartas, dentre outros, podem também apoiar a pesquisa em procedência. Muitas vezes, isso pode ser realizado de forma integrada e complementar, confrontando marcas ainda desconhecidas com o registro feito a partir destes documentos associados, corroborando e aprimorando o conhecimento sobre as próprias marcas de procedência.

Ainda pode-se investigar a procedência ou informações que possam indicar caminhos que contribuam na sua identificação através de notícias publicadas em jornais especializados

ou mesmo de grande circulação, pois as publicações sobre acervos de bibliotecas faziam parte das notícias do dia de forma comum e usual, dependendo do período da pesquisa.

7 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, procuramos demonstrar um método aplicado sobre a identificação e análise das marcas de proveniência no acervo da coleção de obras raras e especiais da Biblioteca de Manguinhos. No estabelecimento desta metodologia, foi considerada como parte integrante de sua estrutura a condição prévia de conhecer a história da Instituição e do acervo em que as marcas de proveniência foram analisadas. Deste modo, antes mesmo de tentar reconhecer qualquer marca existente nos exemplares, foi preciso ascender ao propósito de constituição da Biblioteca do Instituto Oswaldo Cruz e da própria Fiocruz em sua origem,

Em sequência, experimentamos observar as marcas de proveniência existentes nos exemplares. Dando continuidade ao processo passamos a coletar, comparar e levantar informações sobre as marcas percebidas. A partir de então, buscamos informações sobre a procedência destas marcas, podendo estar nos próprios exemplar analisados ou em fontes associadas, como livros de tombo, cartas, notas de compra, correspondências administrativas, etc. Ao identificar o que cada marca significa e sua procedência pudemos entender um pouco mais sobre a constituição do acervo da Biblioteca de Manguinhos e assim qualificar, de forma mais tangível, qual a sua importância para a memória, para o patrimônio institucional e para a ciência.

Além disso, é inevitável a contribuição que a identificação e análise das marcas de proveniência trazem para a gestão da própria coleção, apoiando todo o trabalho de justificativa para sua manutenção, valoração e valorização do acervo, subsidiando também as atividades de produção, ou mesmo atualização, nas políticas de seleção e de desenvolvimento da coleção em um escopo mais ampliado. Pode ainda ser atrativa para novos usuários, expandindo seus horizontes e alcance, afinal o fomento ao acesso é fundamental para toda biblioteca.

As marcas de proveniência adquirem, portanto, um sentido de evidenciar a formação e desenvolvimento da coleção resultante dos 120 anos de pesquisa institucional, alicerçadas na herança documental, científica e de potencial cultural do acervo de Manguinhos. Assim como

vem sendo parte da produção científica da Fiocruz ao longo da sua existência, também integra seu patrimônio cultural e da sociedade em que está inserida.

Não podemos deixar de ressaltar o quanto a pesquisa em proveniência pode contribuir na identificação da absorção de coleções (ou itens) advindos de acervos pessoais e/ou institucionais de grandes ícones da ciência. É válido ratificar a importância do espólio de instituições que não existem mais, contudo são relevantes para a história da ciência no Brasil e contribuição em seu desenvolvimento científico e de toda a nação.

As informações levantadas que se relacionam à proveniência dos itens formadores do acervo precisam ser registradas e recuperadas, pois necessitam estar acessíveis. Porém, não sendo objeto deste capítulo, precisam ser mencionadas como parte componente do método que empregamos, mediante a assimilação que fizemos no curso de aprimoramento do trabalho realizado e ainda contínuo.

Diante do exposto, ainda podemos destacar que todo o trabalho técnico que vem sendo realizado resultou na construção de uma reflexão própria influenciada pela observação, correlacionada ao conhecimento que pudemos acessar através de trabalhos de teóricos sobre o assunto “marcas de proveniência” ou que se relacionam com ele, como por exemplo patrimônio, memória, identidade, formação e desenvolvimento de coleções.

Portanto, o estudo sobre as marcas de proveniência tem se amplificado e ganhando ramificações em sua utilização no acervo da coleção de obras raras e especiais da Biblioteca de Manguinhos. Consideramos de suma relevância a convergência que a compreensão sobre a identificação e análise das marcas de proveniência tende a agregar em diferentes áreas, e que envolvem atividades em múltiplas frentes que podem e devem ser exploradas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fátima Duarte; PERUZZO, Tarcila. Atualizações dos estudos e práticas na catalogação de materiais bibliográficos raros e especiais: experiência da Seção de Obras Raras da Biblioteca de Manguinhos da Fiocruz. In: *AS MARCAS DA PROVENIÊNCIA E A CULTURA MATERIAL: CICLO DE PALESTRAS*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2020. 62 p. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/44859>. Acesso: em 30 mar 2021.

ARAÚJO FILHO, Mário. A biblioteca do Instituto Oswaldo Cruz. *Revista Brasileira de Biologia*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 463-466, 1941.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro, 2005. 232p. Disponível em:
http://arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf. Acesso em: 25 abr 2021.

BRASIL. Decreto-lei nº 18,935, de 07 de outubro de 1929. Abre, ao Ministro da Justiça e negócios Interiores, o crédito especial de 10 0:000\$, para atender a despesa com a aquisição da Biblioteca de Oswaldo Cruz. Disponível em:
<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=18935&ano=1929&data=07/10/1929&ato=fdd0zZU9EenpWTe3c>. Acesso em: 15 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Fazenda. Contas do Exercício Financeiro de 1929. *Relatório da Controladoria Central da República*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930.

BORTOLETTO, Maria Élide; SANT'ANNA, Marilene Antunes. A história e o acervo das obras raras da Biblioteca de Manguinhos. *História Ciência Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.187-203. jan./abr. 2002. il. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702002000100009. Acesso em: 20 mar 2021.

COSTA, Renato da Gama-Rosa; ANDRADE, Inês El-Jaick. Pavilhão Mourisco no contexto do ecletismo carioca. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.27, n.2, abr./jun. 2020, p.543-563. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v27n2/0104-5970-hcsm-27-02-0543.pdf> . Acesso em: 24 mar 2021.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: Edusp, 2008.

INSTITUTO Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. Reimpresso da revista Arquivos, n. 1, p. 85-99, do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde.

MANGUINHOS. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, p. 2-3, 20 fev. 1915.

PEARSON, David. *Provenance research in Book History: a handbook*. London: British Library, 1998.

PINTO, César. Instituto Oswaldo Cruz. *O Campo*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 7, p. 1-9. jul. 1935.

PLANO de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos: documento de referência. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:
<http://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/Plano-de-Requalificacao-nahm.pdf> . Acesso em: 22 mar 2021.

PROFESSOR Pedro de Almeida Magalhães. *Brazil Médico*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 8, p. 71-73, 1909.

SILVA, Alberto da Costa e; MACIEL, Anselmo (org). *O Livro dos ex-libris*. Rio de Janeiro: ABL, 2014.

SOUSA, Alexandre Medeiros Correia de. *Estudo de uma experiência de fluxo informacional científico no Instituto Oswaldo Cruz: a “mesa das quartas-feiras”*. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação; Universidade Federal Fluminense, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia Niterói, 2006. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/6336> . Acesso em 22 fev 2021.